

Marcos A. A. Bueno

Rodrigo Diego da Silva

Rosemeire da Silva Pereira

Kenosis e o Esvaziamento de Cristo

Monografia apresentada por exigência da disciplina Teologia Bíblica do NT do curso de Bacharel em Teologia, ministrada pelo Prof. Jair Ribeiro de Oliveira da Faculdade Batista ABC – FABC

Faculdade Batista ABC – FABC

12/2008

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1. SEGUINDO O TEXTO.....	5
1.1. TEXTO BASE	8
1.2. QUESTÃO DE TRADUÇÃO.....	9
1.3. ERROS GRAVES.....	9
1.4. POSIÇÕES CORRETAS.....	10
2. HISTÓRICO DO PENSAMENTO CRISTÃO SOBRE A ENCARNAÇÃO.....	10
3. TEORIA KENÓTICA.....	11
4. E QUE SENTIDO ELE ESVAZIOU-SE NA ENCARNAÇÃO.....	12
5. O DEBATE A RESPEITO DA NATUREZA DE JESUS.....	15
5.1. ENSINAMENTOS QUE NEGAM A DIVINDADE.....	15
5.2. ENSINAMENTOS QUE NEGAM A HUMANIDADE.....	19
5.3. ENSINAMENTOS QUE ACEITAM AS DUAS NATUREZAS, MAS COM DESVIOS DOUTRINÁRIOS.	20
6. PRINCIPAIS HERESIAS MODERNAS SOBRE A NATUREZA DE CRISTO	25
CONCLUSÃO	27
BIBLIOGRAFIA	28

Introdução

Não são poucas as discussões existentes sobre este tema que é tão abrangente, a Kenosis ou o esvaziamento de Cristo, afinal de contas que esvaziamento é este? De sua humanidade? De sua divindade? De sua Glória? Muitos são os pontos de vista defendidos pelos teólogos.

Nossa expectativa é que no decorrer desta monografia possamos trazer esclarecimentos no que diz respeito a este assunto, partindo dos pontos mais básicos, tais como, texto base e definições, até chegarmos a assuntos mais avançados, como as posições defendidas.

Compreender bem este tema nos faz entender com maior facilidade fatos tão interessantes do ministério de Jesus aqui na terra além de nos incentivar a debater sobre o assunto com demais pessoas, pois quando compreendemos algumas passagens bíblicas em seu sentido correto torna-se um pouco mais fácil explicar algo tão complexo.

1. Seguindo o texto

"Sendo em a forma de Deus" não quer dizer que Deus Pai tem uma forma física (a mesma que Cristo também tinha, mesmo antes da encarnação). Quer dizer que o Verbo tinha a natureza permanente, essencial, interna, verdadeira e total de Deus o Pai.

"Não teve por usurpação o ser igual a Deus" pode ser traduzido "não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar." Cristo não considerou a manifestação da sua divindade no céu como um tesouro a que devia se agarrar e reter a todo custo. Na sua encarnação ele não se preocupou em reter nada dessa manifestação.

"Havendo sido feito na semelhança de homens e a forma de servo havendo tomado." Conforme:

Jo 1.14 E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.

Rm 1.13 Não quero, porém, irmãos, que ignoreis que muitas vezes propus ir ter convosco (mas até agora tenho sido impedido) para também ter entre vós algum fruto, como também entre os demais gentios.

Gl 4.4 Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei.

Hb 2.14 E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo;

Hb 2.17 Por isso convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo.

Mt 20.28 Bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos.

Este fato tremendo não pode ser compreendido pela mente humana: o infinito e santo Criador se fez semelhante às suas criaturas finitas e pecadoras, todavia sem ser contaminado pelo pecado. E além disso, se fez um humilde servo, Is 11.1 diz "... brotará um rebento do trono de Jessé...", não diz "do Rei Daví", mas "de Jessé", um pobre camponês.

"Humilhou-se a si mesmo..." O Verbo eterno se pôs na posição de Filho, de Servo, submeteu-se à autoridade, limitou-se, humilhou-se. Como Hb 5.8 "... aprendeu a obediência..." e Mt 26.39,42 "... todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres..." contrastam com Lúcifer em Is 14:13-14 "...Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono... e serei semelhante ao Altíssimo..."

Cristo "se fez obediente até a morte"

Mt 26.39 E, indo um pouco mais para diante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres.

Jo 10.18 Ninguém me tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai.

Hb 5.8 Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu.

Hb 12.2 Olhando para Jesus, autor e consumidor da fé, o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a afronta, e assentou-se à destra do trono de Deus.

Cristo morreu "morte mesmo de uma cruz", a pior, a mais degradante morte, física e judicialmente. Conforme:

Sl 22.1 Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que te alongas do meu auxílio e das palavras do meu bramido?

Sl 22.6-8 Mas eu sou verme, e não homem, opróbrio dos homens e desprezado do povo. Todos os que me vêem zombam de mim, estendem os lábios e meneiam a cabeça, dizendo: Confiou no SENHOR, que o livre; livre-o, pois nele tem prazer.

Sl 22.11-18 Não te alongues de mim, pois a angústia está perto, e não há quem ajude. Muitos touros me cercaram; fortes touros de Basã me rodearam. Abriram contra mim suas bocas, como um leão que despedaça e que ruga. Como água me derramei, e todos os meus ossos se desconjuntaram; o meu coração é como cera, derreteu-se no meio das minhas entranhas. A minha força se secou como um caco, e a língua se me pega ao paladar; e me puseste no pó da morte. Pois me rodearam cães; o ajuntamento de malfeitores me cercou, traspassaram-me as mãos e os pés. Poderia contar todos os meus ossos; eles vêem e me contemplam. Repartem entre si as minhas vestes, e lançam sortes sobre a minha roupa.

Isaias 53.2-12 Porque foi subindo como renovo perante ele, e como raiz de uma terra seca; não tinha beleza nem formosura e, olhando nós para ele, não havia boa aparência nele, para que o desejássemos. Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens, homem de dores, e experimentado nos trabalhos; e, como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e não fizemos dele caso algum. Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós

andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho; mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a sua boca. Da opressão e do juízo foi tirado; e quem contará o tempo da sua vida? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; pela transgressão do meu povo ele foi atingido. E puseram a sua sepultura com os ímpios, e com o rico na sua morte; ainda que nunca cometeu injustiça, nem houve engano na sua boca. Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando a sua alma se puser por expiação do pecado, verá a sua posteridade, prolongará os seus dias; e o bom prazer do SENHOR prosperará na sua mão. Ele verá o fruto do trabalho da sua alma, e ficará satisfeito; com o seu conhecimento o meu servo, o justo, justificará a muitos; porque as iniquidades deles levará sobre si. Por isso lhe darei a parte de muitos, e com os poderosos repartirá ele o despojo; porquanto derramou a sua alma na morte, e foi contado com os transgressores; mas ele levou sobre si o pecado de muitos, e intercedeu pelos transgressores.

Gl 3.13 Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro.

"Por isso, também Deus altamente lhe exaltou." Conforme:

Is 52.13 Eis que o meu servo procederá com prudência; será exaltado, e elevado, e mui sublime.

Jo 17.1 Jesus falou assim e, levantando seus olhos ao céu, disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti;

At 2.33 De sorte que, exaltado pela destra de Deus, e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis.

Hb 2.9 Vemos, porém, coroado de glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos.

O Pai "lhe deu um nome que é sobre todo nome", isto é, Cristo tem a suprema posição de autoridade não só por ser o Criador e Deus, mas também por ter se humilhado e ter obedecido até a morte, morte de cruz, assim sendo o Salvador e Senhor. Conforme:

Ef 1.20-21 Que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos, e pondo-o à sua direita nos céus. Acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro;

Hb 1.4 Feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles.

Cristo será universalmente reconhecido como Senhor, por todos. Conforme:

Is 45.23 Por mim mesmo tenho jurado, já saiu da minha boca a palavra de justiça, e não tornará atrás; que diante de mim se dobrará todo o joelho, e por mim jurará toda a língua.

Rm 10.9-10 A saber: Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação.

Ap 5.13 E ouvi toda a criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre.

Ap 7.9-12 Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono, e perante o Cordeiro, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos; E clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro. E todos os anjos estavam ao redor do trono, e dos anciãos, e dos quatro animais; e prostraram-se diante do trono sobre seus rostos, e adoraram a Deus, Dizendo: Amém. Louvor, e glória, e sabedoria, e ação de graças, e honra, e poder, e força ao nosso Deus, para todo o sempre. Amém.

Ap 14.6-7 E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo. Dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque é vinda a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.

1.1. *Texto base*

Fp 2:5-11:

De sorte que haja em vós este sentimento que há também em Cristo Jesus, o qual, sendo em a forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar, mas fez a si mesmo de nenhuma reputação, a forma de servo havendo tomado, havendo sido feito na semelhança de homens; e, na figura havendo sido achado como um homem, humilhou-se a si mesmo havendo se tornado obediente até a morte, morte mesmo de uma cruz. Por isso, também Deus altamente lhe exaltou, e lhe deu um nome que é sobre todo nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus o Pai.

1.2. **Questão de tradução**

Devemos preferir o que os dedicados crentes e eruditos ponderadamente traduziram na King James Bible: "fez a si mesmo de nenhuma reputação". Note como isto casa com a explicação do próprio texto: Cristo não se importou com sua reputação, mas "esvaziou-se a si próprio" apenas no sentido de se fazer de nenhuma fama ao tomar a forma de servo.

1.3. **Erros graves**

Erro1: "Cristo, enquanto aqui na terra, voluntariamente despiu-se, ficou sem seus atributos relativos de divindade (onisciência, onipotência, onipresença), enquanto retendo seus atributos imanes (santidade, amor, verdade)". Os argumentos contrários a esta teoria são:

Refutação: Isto implicaria que Cristo, enquanto aqui na terra, ficou algo menos que pleno. Mas nem por 1 segundo Cristo foi (nem é, ou será) sequer 1mm menos que 100% Deus! Conforme textos abaixo:

João 1:1: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus."

2Co 4:4: "Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus."

Cl 1:15: "O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação;"

Cl 2:9: "Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade;"

Heb 1:3: "O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da majestade nas alturas;"

Erro2: mesmo que menos grave, no ensino que "Cristo, mesmo nunca deixando de ser 100% Deus, nunca chegando a ter 1mm a menos de nenhum dos seus atributos de divindade, voluntariamente deixou, aqui na terra, de exercer, usar alguns desses atributos: Onipresença Jo 11.14-15. Onisciência Lc 8.45-46. Onipotência Lc 5.19-20." Os defensores desta teoria alegam os versos:

Jo 11.14-15: "Então Jesus disse-lhes claramente: Lázaro está morto; e folgo, por amor de vós, de que eu lá não estivesse, para que acrediteis; mas vamos ter com ele."

Mc 13.32: "Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai."

Lc 8.45-46: "E disse Jesus: Quem é que me tocou? E, negando todos, disse Pedro e os que estavam com ele: Mestre, a multidão te aperta e te oprime, e dizes: Quem é que me tocou? E disse Jesus: Alguém me tocou, porque bem conheci que de mim saiu virtude."

Refutação: Mas os argumentos contrários a esta teoria são: Isto poderia ser possível para onipresença e onipotência, mas é impossível que se decida não saber o que já se sabe.

Em **Mc 13.32** ("Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai.") o contexto é Filho do Homem, Cristo como o homem perfeito, representando a humanidade.

Lc 8.45-46 é apenas antropomorfismo, Cristo rebaixando-se a falar em termos das limitações dos homens (como Deus perguntando a Adão "onde estás?" Gn 3.9).

1.4. Posições corretas.

A posição correta é que, como representante perfeito da humanidade e pelo ângulo da sua natureza humana perfeita, Cristo podia dizer que não era onisciente, não sabia do dia e da hora. Mas, na realidade, sua pessoa integral sempre foi e é e será onisciente, Cristo sempre soube qual será aquele dia e hora, pois sua inseparável e indeligiável natureza divina é onisciente.

Analogia: um diplomata pode ao mesmo tempo saber de algo (como pessoa total) e não sabê-la (na qualidade de porta-voz do País)!

2. Histórico do pensamento cristão sobre a encarnação.

Há muita polêmica nesse ponto. A questão toda encontra-se no âmago da doutrina da encarnação.

A questão da encarnação já vem sendo discutida ao longo dos muitos séculos antes da reforma.

Muitos pensadores, seja para defender a humanidade de Cristo, seja para enfatizar o Sua divindade, elaboraram teorias para explicar o Cristo-Homem.

NEGAVAM A HUMANIDADE	NEGAVAM A DEIDADE
1. Docéticos (Jesus teria apenas <u>forma humana</u>),	3. Ebionitas (Jesus foi escolhido por causa de sua piedade legal e

<p>2. Monarquianos modalistas (o único e mesmo Deus se manifestou em 3 modos diferentes: Pai, Filho e Espírito Santo. Ficaram conhecidos também como patripassionismo (no ocidente) e sabelianismo (no oriente)).</p>	<p>por ocasião do batismo recebeu a filiação – adocionismo),</p> <p>4. Adocionismo de Hermas (Jesus homem, por sua dignidade, foi escolhido pelo Logos e, na ressurreição constituído Filho);</p> <p>5. monarquianos dinâmicos (defendiam que Jesus foi um homem deificado pelo Logos)</p>
---	--

<p>NEGAVAM A PLENA HUMANIDADE</p>	<p>NEGAVAM A PLENA DEIDADE</p>
<p>Apolinarianismo (O Logos – Espírito - estaria no lugar da alma humana, de modo que Jesus não era plenamente homem. Se Cristo assim fosse, teria pecaminosidade)</p>	<p>Arianismo (O Logos foi criado por Deus em determinado tempo da eternidade. Ele foi apenas o primeiro a ser criado, e, embora especialmente escolhido por Deus para a obra criadora que posteriormente haveria de ocorrer, o Logos não era Deus, mas um deus).</p>

3. Teoria Kenótica

A teoria kenótica foi desenvolvida para tentar responder à questão: em que condições Cristo tornou-se homem?

Para enfatizar dois pontos importantes da encarnação (a humanidade de Cristo e a grandeza de Sua humilhação), o pensamento kenótico acredita que o logos de Deus reduziu-se a ponto de perder sua divindade até às dimensões de um mero homem para depois aumentar em sabedoria e poder até recuperar novamente a natureza divina.

Algumas nuances podem ser encontradas nessa teoria em diversos teólogos:

Tomásio disse que: apesar de reter atributos como poder, liberdade, santidade, verdade e amor, o Cristo despiu-se temporariamente de Seus atributos de onisciência, onipresença e onipotência, retomando-os na ressurreição.

Gess dizia que o logos, na encarnação, reduziu-se de modo absoluto às condições e aos limites da natureza humana de tal maneira que Sua consciência tornou-se pura consciência de uma alma humana.

Ebrard propunha uma vida dupla do logos.

- ✓ Por um lado, reteve e exercia as suas perfeições divinas na vida trinitariana.
- ✓ Por outro lado, reduziu-se às dimensões de um homem, dono de uma mera consciência humana;

Assim, o mesmo “eu” existiria, ao mesmo tempo, na forma eterna e na forma temporal, mostrando-se infinita e finita por igual modo.

Martensen postula no Cristo (Logos), durante o tempo da humilhação, uma vida dupla procedente de dois centros sem comunicação entre si.

- ✓ Como Filho de Deus, Ele continuava em Suas funções cósmicas trinitarianas;
- ✓ Na forma de Logos despotencializado, Ele nada sabia dessas funções, e só se reconhecia ser Deus no sentido em que tal conhecimento é possível às faculdades humanas.

4. E que sentido ele esvaziou-se na encarnação

Lembremo-nos que, para ser um salvador perfeito, Cristo deveria ser plenamente Deus (porque só Deus poderia nos salvar) e plenamente homem (porque o pecador inteiro necessita ser renovado). Esta foi a posição que a Igreja tomou para responder às mais diversas teorias a respeito do Logos-Homem.

Ora, tendo isto em mente, voltemos ao texto de Filipenses.

O contexto ensina-nos quanto à questão da humildade, incita-nos a buscar não só o bem de si mesmo, mas aquele que também é de outros. Tal exemplo é encontrado na pessoa de Cristo, “...o qual, em forma de Deus existindo continuamente, não de forma violenta conduziu-se para o continuar existindo de modo igual a Deus”. Atentemo-nos ao fato de que ele renunciou tal forma sem procurar mantê-la a todo custo, à força. Ele voluntariamente a despiu.

O exemplo supremo vem do próprio Senhor. Sua superioridade e soberania são incontestáveis, mas Ele, embora estando permanentemente na forma de Deus (a ênfase

não está sobre o Seu poder, Seus atributos, Suas divindade, mas sobre a Sua forma, Seu exterior, Sua majestade, Sua glória), não agiu em defesa de sua condição eterna, "...mas esvaziou a si mesmo, tendo tomado a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e tendo sido achado em aspecto como homem, humilhou-se, tornando-se submisso até a morte, morte de cruz."

Dessa maneira, o objeto implícito da ação realizada de esvaziar-se não é a divindade de Cristo, mas o seu estado de "e)n morf\$= qeou=", forma de Deus, para a "morfh\n dou/lou", a forma de servo, "e)n o(moiw/mati a)nqrw/pwn geno/menoj" tornando-se em semelhança de homens.

O contexto trata do assunto da humilhação, sendo Cristo o modelo maior da Sua Igreja. A encarnação foi um ato de amor profundo da parte de Deus, porém, o Logos não deixou de ser verdadeiro Deus. Assim, a forma de servo não deprecia, em nada, a forma de Deus.

Teria Jesus desistido de algum atributo enquanto estava na terra? Fp. 2.5-7

Partindo deste texto, alguns teólogos da Alemanha, a partir de 1860-1880, e da Inglaterra 1890-1910, passaram a defender uma idéia de encarnação que jamais fora defendida na história da igreja. Essa nova idéia foi chamada "teoria da kenosis", e a posição geral representada por ela foi chamada "teologia kenótica". A teoria da kenosis defende que Cristo abriu mão de alguns atributos divinos enquanto estava sobre a terra como homem. A palavra kenosis é tomada do verbo grego kenno, cujo significado geral é "esvaziar", sendo traduzida por "esvaziou-se" em Fp 2.7. De acordo com a teoria Cristo esvaziou-se de alguns atributos divinos, tais como a onisciência, onipresença e onipotência, enquanto estava sobre a terra como homem, isto era visto como uma autolimitação voluntária da parte de Cristo, feita para cumprir sua obra de redenção. Mas será que Fp. 2.7 ensina que Cristo esvaziou-se de alguns de seus atributos divinos? E será que o restante do novo testamento ensina isso? A evidencia das Escrituras aponta para uma resposta negativa para as duas perguntas. Primeiro precisamos entender que nenhum mestre reconhecido dos primeiros 1800 anos da história da igreja, incluindo os que falavam grego desde o nascimento, pensava que esvaziou-se em Fp 2.7 significava que o filho de Deus abandonara alguns atributos divinos. Em segundo lugar, precisamos reconhecer que o texto não diz eu Cristo "esvaziou-se de alguns poderes" ou "esvaziou-se dos atributos divinos" ou algo parecido. Em terceiro lugar, o texto descreve o que Jesus fez neste esvaziamento: ele não o fez deixando alguns de seus atributos, mas, antes, assumindo a forma de servo, passando a viver como homem, e tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou,

tornando-se obediente até a morte e morte de cruz Fp 2.8. Assim o próprio contexto interpreta esse “esvaziar-se” como equivalente a “humilhar-se” e assumir condição e posição inferior. Assim, a NIV, em vez de traduzir a frase “a si mesmo se esvaziou”, traduz “mas se tornou nada”. Nesse contexto o esvaziamento inclui mudança de função e condição, não de atributos essenciais.

Um quarto motivo para essa interpretação encontra-se no propósito de Paulo neste contexto. Seu propósito é convencer os filipenses: “nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um dos outros superiores a si mesmo” Fp. 2.3. Ele continua: “Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, se não também cada qual, o que é dos outros” Fp. 2.4. Para convencê-los a ser humildes e a colocar os interesses dos outros em primeiro lugar, ele então levanta o exemplo de Cristo em Fp. 2.5-7.

Agora ao levantar Cristo como exemplo, ele quer que os filipenses imitem a Cristo. Mas com certeza ele não está pedindo que os cristãos filipenses “abandonem” ou “coloquem de lado” algum de seus atributos ou habilidades essenciais! Ele não lhes está pedindo que “abandonem” sua inteligência, ou força, ou capacidade, tornando-se uma versão inferior do que são. Antes, está pedindo que coloquem os interesses dos outros em primeiro lugar. E porque esse é o objetivo, pelo contexto é coerente compreender que ele está empregando Cristo como o exemplo supremo de alguém que fez exatamente isso: colocou os interesses dos outros em primeiro lugar e dispôs-se a abrir mão de alguns de seus privilégios e de sua condição como Deus.

Assim, a melhor compreensão dessa passagem é que ela fala de Jesus deixando a condição e o privilégio que possuía no céu, não se apegou as vantagens pessoais, mas esvaziou-se ou humilhou-se por nós e passou a viver como homem. Jesus fala em outro lugar da glória que possuía com o Pai antes que houvesse mundo Jo 17.5, glória que deixou e que receberia de volta quando voltasse ao céu. E Paulo podia falar de Cristo, que sendo rico, se fez pobre 2Co 8.9, de novo aludindo ao privilégio e honra que merecia, mas que deixara temporariamente por nós.

O quinto e último motivo pelo qual a “teoria da Kenosis” em Fp 2.7 deve ser rejeitada é o contexto mais amplo do ensino do Novo Testamento e o ensino doutrinário de toda Bíblia. Se fosse verdade que ocorreu um fato tão importante como esse – que o Filho eterno de Deus abandonou, por um momento, todos os atributos de Deus, deixando por um momento, de ser onisciente, onipotente e onipresente, por exemplo – então, seria de esperar que tal fato incrível fosse ensinado por repetidas vezes e de forma clara no Novo Testamento, em vez de se encontrar na interpretação muito duvidosa de uma

palavra de uma epístola. Mas vemos o oposto disso: não encontramos declarado em nenhum outro lugar que o Filho de Deus deixou de possuir alguns dos atributos de Deus que possuía desde a eternidade. De fato, se a teoria da kenosis fosse verdadeira (e esta é uma objeção fundamental contra ela), já não poderíamos afirmar que Jesus era plenamente Deus enquanto estava aqui na terra. A teoria da kenosis nega em última análise a plena divindade de Jesus Cristo e o torna menos que Deus pleno. S. M. Smith admite: "Todas as formas de ortodoxia clássica ou rejeitam explicitamente ou rejeitam em princípio a teologia kenótica".

É importante compreender que o principal motivo que levou as pessoas a aceitar a teoria kenótica não era a descoberta de uma compreensão melhor de Fp 2.7 ou de alguma outra passagem do Novo Testamento, mas o crescente desconforto que sentiam diante das formulações da doutrina de Cristo na ortodoxia histórica clássica. Parecia por demais incrível para pessoas racionais e científicas crer que Jesus Cristo podia ser verdadeiramente humano e plena e absolutamente Deus ao mesmo tempo. A teoria da kenosis passou a ser um jeito cada vez mais aceitável de dizer que (de algum modo) Jesus era Deus, mas um tipo de Deus que havia deixado, por algum tempo, algumas de suas qualidades divinas, aquelas qualidades que as pessoas tinham mais dificuldade em aceitar no mundo moderno.

5. O debate a respeito da natureza de Jesus

Grandes foram as discussões sobre a natureza de Cristo. Vários teólogos discutiram por muito e muito tempo sobre a essa questão e ao que nos parece poucos conseguiram chegar a uma conclusão plausível do que a Bíblia diz sobre a natureza de Jesus. E ainda hoje, tanto tempo depois do Concílio de Nicéia e de outros, ainda temos debates sobre a questão. Vejamos alguns ensinamentos...

5.1. *Ensinamentos que negam a divindade*

Arianismo

Ário ensinava que Jesus não era Deus. Foi condenado pelo Concílio de Nicéia, em 325, mas a sua heresia perdurou após o Concílio, porque os bispos arianos conseguiam a proteção do imperador. Todo o problema começou na pessoa de Ário (256-336) que era presbítero de Alexandria. Ário talvez nascera na Líbia. Em 313, quando era diácono, foi excluído pelo patriarca de Alexandria, Pedro, por ter apoiado alguns pontos de vistas de Meléteo de Licópolis, mas no mesmo ano o sucessor de Pedro, Aquiles, o reintegrou ao

ministério. Depois se tornou presbítero de Baucalis. Foi aí que Ário começou com a idéia de que o (Cristo) teve uma criação, ou seja, não era pré-existente, não era igual ao Pai em nível de substância e muito menos era co-eterno com Ele. Em 318 Ário foi censurado, mas persistiu nas idéias, até que em 321 foi excluído. Mas o problema não era tão fácil, Eusébio de Cesaréia e outros simpatizavam com a doutrina proposta por Ário, dividindo a igreja oriental.

“Nós pensamos e afirmamos como temos pensado e continuamos a ensinar: que o Filho não é ingênito, nem participa absolutamente do ingênito, nem derivou de alguma substância, mas que por sua própria vontade e decisão existiu antes dos tempos e era inteiramente Deus, unigênito e imutável. Mas, antes de ter sido gerado ou criado ou estabelecido, ele não existia, pois ele não era ingênito. Somos perseguidos porque afirmamos que o Filho tem um início enquanto Deus é sem início. Eis por que somos perseguidos, e também porque afirmamos que ele é do que não é, justificando essa afirmação porquanto ele não é parte de Deus nem deriva de substância alguma.” – Carta de Ário a Eusébio, bispo de Nicomédia (c. 321)¹

Como o problema era sério, o imperador Constantino, convocou o Concílio de Nicéia para resolver a situação. Nesse concílio foi feito um credo, cujo texto destacamos abaixo:

“Examinou-se, de início, perante Constantino, nosso soberano mui amado de Deus, a impiedade e irregularidade de Ário e de seus discípulos. Decidiu-se por unanimidade que devem ser anatematizadas suas opiniões ímpias e todas as suas afirmações e expressões blasfematórias, tal como estão emitidas e divulgadas, tais como: ‘o Filho de Deus é do que não é’, ‘houve [um tempo] quando não existia’; ou afirmação de que o Filho de Deus, em virtude de seu livre arbítrio, é capaz do bem e do mal, ou de que pode ser chamado de criatura ou de feitura. Todas estas afirmações são anatematizadas pelo santo sínodo [que se constituiu em Nicéia], que não tolera declarações tão ímpias, tão dementes e blasfematórias...” – Carta do Sínodo de Nicéia (325) – Condenação de Ário²

Mas Ário ainda assim criou um outro credo para sua apologia. Constantino então ficou impressionado com o credo de Ário e o recebeu de novo em 331, e ainda ordenou ao bispo de Constantinopla, que o recebesse em comunhão novamente, mas no dia da cerimônia Ário faleceu. Ário tinha a idéia dominante que era o princípio monoteísta, ou

¹ Bettenson, Henry – Documentos da Igreja Cristã – São Paulo : Aste, 2007, p. 83

² Idem, p.85

seja, há um só Deus eterno que não é criado, não gerado, não originado. Para Ário, era uma espécie de energia divina que encarnara no homem Jesus. Esse teve um princípio, um começo, uma criação. O verbo, numa certa altura da história, foi criado para um devido propósito, fora uma criação do nada como a criação do mundo. Jesus não tinha essência divina, pois o que estava encarnado no homem Jesus é uma criatura, a primeira criatura feita por Deus Pai, e uma criatura não pode ter a mesma essência/substância do Criador. A criação de Jesus foi importante nessa doutrina, pois o surgimento do $\square\square\square$ ajudou o Pai eterno na criação do mundo. Jesus é um ser mutável e foi chamado filho de Deus devido sua glória futura, a qual foi escolhido. O Filho não tem como ser igual ao Pai, mas está acima de outras criaturas, inclusive o homem, por isso não é errado venerar o Filho. Ário via em Jesus um ser intermediário entre Deus e os homens, porém Deus é somente o Pai que é Uno e Indivisível. Ário abalou sua época com suas idéias, porém não foi com argumentos vazios, mas usou as escrituras para apoiar as suas idéias. Vejamos quais são as provas escriturísticas usada por Ário:

- a. Pv 8:22 na septuaginta: "O Senhor me possuiu no princípio de seus caminhos, antes de suas obras mais antigas".
- b. Mt 28:18: "Jesus falou: É me dado todo poder no céu e na terra".
- c. Mc 13:32: "Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o filho, senão o Pai" .
- d. Lc 18:19: "Respondeu Jesus : Por que me chamas bom? Ninguém há bom, senão um, que é Deus".
- e. João 5:19: "Jesus respondeu: Em verdade, em verdade vos digo que o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma; ele só pode fazer o que vê o Pai fazendo, porque tudo o que o Pai faz, o Filho faz igualmente".
- f. Jo 14:28: "... eu vou para o Pai, pois o Pai é maior do que eu".
- g. I Co 15:28: "E, quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos".

Como vemos, Ário usou versículos que confundiram até mesmo teólogos importantes. Também fizera menção de outros seres semidivinos e na cristologia ariana a obra de redenção praticamente é repudiada, pois a divindade de Cristo é negada. O concílio de Nicéia realizado em 325 condenou oficialmente o arianismo. Atanásio opôs a essa doutrina como também Ósio.

Ceríntios

O termo está associado ao seu mestre, Cerinto, que foi um gnóstico sincrético, judeu de raça, que ensinou suas heresias a respeito de Jesus e do cristianismo na mesma época do Apóstolo João. É dito que João, o Evangelista encontrou uma vez Cerinto num banho público, para o qual ele havia ido para se lavar e imediatamente

apressou-se em sair, clamando: "Voemos para fora desse lugar, antes que esse banho se despedace; pois Cerinto está aí, o inimigo da verdade."

Como todos os judeus heréticos, Cerinto denunciou Paulo como um inimigo da circuncisão, e rejeitou suas Epístolas. Assim como os ebionitas, adotava apenas o evangelho de Mateus como Escritura. Seu ensinamento sobre o Salvador era curioso; pois ele afirmava que originalmente Jesus era um mero homem, o filho de José e Maria, mas quando ele foi batizado no Jordão, o espírito de Cristo desceu sobre ele na forma de pomba e deu ao homem Jesus o poder de realizar os milagres de seu ministério público. Na Crucificação, Cristo e Jesus foram separados novamente; Cristo ascendeu de novo ao céu, enquanto Jesus, abandonado à sua fragilidade humana, sofreu a morte na Cruz. Cerinto é também tido por alguns como sendo o autor da heresia do Chiliasmo ou Milenarismo, uma falsa doutrina baseada num escrito do salmista dizendo que mil anos à vista do Senhor não é mais do que um único dia. Daí ele (Cerinto) deduziu que já que o mundo foi criado em seis dias, seguido pelo sábado, ele então continuará a existir seis mil anos, após os quais virá um milênio de festa e delícias sensuais, que será a era Messiânica. Um tipo de milênio espiritual foi pregado por certos Pais Apostólicos durante as perseguições, inspirados pela crença que Cristo regressaria logo, trazendo a salvação para eles.

Irineu, em sua obra *Contra Heresias*, informa-nos sobre Cerinto e seus ensinamentos na região da Ásia Menor, possivelmente em Éfeso. O bispo Epifânio, de Salamis, falecido em 403 d.C., afirma que Cerinto nasceu no Egito e educou-se em Alexandria.³

Ebionismo

O termo grego "ebionaioi" é a transliteração do vocábulo hebraico "ebionim", que significa "pobres". Os ebionitas apareceram no ano 107 da era cristã, e eram "vamos assim dizer" judeus-cristãos. Essa seita tinha um ensino exagerado sobre pobreza. Como judeus, eles tinham dificuldades de aceitar a divindade de Cristo - devido o monoteísmo judaico. Não gostavam dos escritos de Paulo, pois a teologia paulina prega a justificação pela fé, e os ebionitas observavam a lei mosaica, inclusive a circuncisão. Consideravam então, Paulo um apóstata da lei mosaica. Negavam a divindade de Jesus e o nascimento virginal, pois no velho testamento ordena que, somente a Deus se deve adorar - monoteísmo. Para eles Jesus foi um homem como outro qualquer, mas que observou a lei de forma especial sendo assim escolhido por Deus para ser o Messias. Jesus teria sido

³ Champlin e Bentes; *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, São Paulo:Candeia, 1991, volume 1, p.699

capacitado pelo Espírito Santo no batismo, para o cumprimento de uma tarefa divina, assim logicamente Jesus não tem como ser pré-existente. Nenhum concílio condenou oficialmente o ebionismo, mas Tertuliano, Irineu, Hipólio, Eusébio e Orígenes foram opositores de grande peso. Interessante é que Justino Mártir, era um pouco "gentil" com os ebionitas.

5.2. *Ensinaamentos que negam a humanidade*

Monofisismo

Querendo afirmar a real união das duas naturezas em Jesus, a divina e a humana, conclui que a união é tão íntima que Jesus tem apenas uma natureza (= monofisismo), a divina, que absorve a natureza humana.

Docetismo

Esse pensamento é predominante no final do primeiro século. Apareceu no ano 70 da era cristã, e até o ano 170 ainda tinha proponentes. Vemos em Basíides o grande defensor do docetismo. Basíides era um gnóstico do segundo século, que talvez tenha escrito um evangelho e uma exposição sobre esse evangelho de vinte e quatro volumes. Ele ensinou em Alexandria e era amigo de Valentino, um dos mais famosos gnósticos. Ensina que o homem precisa controlar seus desejos, não podendo nem amar, nem odiar. O docetismo, como podemos ver, têm uma grande ligação com o gnosticismo que já havia aparecido desde a época apostólica. Docetismo é uma palavra que vem do grego, que significa "parecer". Essa referência grega, dizia respeito ao corpo aprisionado pelo aeon (poder angelical), em que esse corpo é um fantasma ou uma sombra, não um corpo verdadeiro e real como de um ser humano qualquer. Para os gnósticos, a matéria é ruim, que é o aeon, no gnosticismo, não se envolveria com a matéria que é o princípio do pecado. Por isso Cristo parecia estar numa matéria carnal, mas na verdade ele era diferente. Cristo era bom e a matéria é essencialmente má, não havendo possibilidade de união entre o e um corpo terreno. Os docetas, crendo assim negavam a humanidade de Jesus, dizendo que ele parecia ser humano, mas era divino. Não houve uma condenação oficial a esse pensamento, mas Irineu e Hipólio foram os opositores a essa idéia filosófica grega e pagã da época, mas que foi introduzida na igreja daqueles tempos.

Apolinarianismo

Esse nome se deriva de Apolinário, que era bispo de Laodicéia da Síria, nos fins do quarto século. Este se opôs ao arianismo até por demais. Nessa doutrina, Apolinário dizia que, assumiu corpo físico pela encarnação. A questão da mutabilidade do pregada pelos arianos era condenada por Apolinário, pois para ele, o divino ao se encarnar não deixou de ser divino nem compartilhou divindade ou energia com a humanidade de Cristo, mas continuou com sua característica divina, pois algo espiritual não pode misturar com a carne visto ser o algo perfeito e a carne algo pecaminoso. Hägglund arrisca dizer que, Apolinário parecia entender que Deus em Cristo foi transmutado em carne, e essa carne então foi transmutada pela natureza divina. Para Apolinário a natureza humana de Jesus tinha qualidades divinas, pois o é da mesma substância do Pai não tendo como haver uma espécie de simbiose entre duas naturezas totalmente opostas. Cristo Jesus não teria então herança genética de Maria, pois se assim fosse, sua carne seria como a dos homens comuns, todavia ele trouxe do céu uma, "vamos assim dizer", carne celestial; o ventre de Maria seria apenas um lugar para o desenvolvimento do feto. Bem resumidamente podemos dizer que, Apolinário negou a humanidade de Jesus Cristo, assim sendo, tomou o lugar da mente humana. Jesus não tinha alma humana. Essa doutrina têm um pouco à ver com o docetismo, pois ambos vêem Cristo como ser "metafísico". Após vários sínodos locais o terem condenado, em 381 o Concílio de Constantinopla o condenou oficialmente. Temos em Vitalis, Papa Dâmaso, Basílio, Teodósio, Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa os principais opositores, ou seja, a oposição a Apolinário partiu particularmente dos capadocianos e da escola antioquena.

5.3. Ensinaamentos que aceitam as duas naturezas, mas com desvios doutrinários.

Elquesaítas

Eram os seguidores de Elquesai, que dizia ter tido uma visão de um anjo que lhe trouxera revelações. Quem aceitasse os ensinamentos de Elquesai, teria alcance ao perdão dos pecados. Os membros dessa seita rejeitaram o nascimento virginal de Cristo, nascido este assim como outro qualquer. Mesmo assim Jesus era considerado um anjo superior, o mais elevado arcanjo. Essa seita era de natureza judaica, porém sincrética, pois além de observarem a lei praticavam a mágica e a astrologia. Esses e os seus ensinamentos, quase não são mencionados nos livros de cristologia e história da igreja.

Nestorianismo

Jesus Cristo consta de duas pessoas: a segunda Pessoa divina e o Homem Jesus. Quebrando a unidade do Redentor, afirma que a união do Homem e do Filho é como a de dois pedaços de madeira amarrados: há apenas conjunção, não união. Deste modo, nega a encarnação do Filho, pois o Homem Jesus não é divino e, portanto, Maria não é Mãe de Deus, mas apenas do Homem Jesus. Essa teoria surgiu no ano 431. Na realidade essa teoria foi recheada de desejos pelo poder eclesiástico, ou seja, Nestório era da "escola" de Antioquia e Cirilo era de Alexandria, e ambos lutavam pelo poder de dominar o oriente eclesiasticamente e nessa briga entrou questões teológicas, o que era normal de acontecer. Nestório via o divino e o humano como antítese. Ele, na verdade, foi defensor da teologia de Antioquia, que ensinava que as naturezas divina e humana presentes na pessoa de Cristo não podem ser confundidas, pois elas não se fundem, acontecendo na realidade ter Cristo duas partes ou divisões, uma humana e outra divina. Essa teoria explica que quando Cristo tinha fome, era a parte humana que estava em ação, mas quando Jesus andou por sobre as águas ou fez milagres, o que estava em ação era a parte divina. Jesus então era uma pessoa dividida em duas partes com operações parceladas. A idéia de que Cristo agia com toda sua personalidade era inaceitável para Nestório. Outra questão entre Nestório e seu opositor Cirilo de Alexandria, fora sobre a expressão THEOTÓKOS, pois para Nestório, Maria deu à luz ao descendente de Davi, no qual o residiu, por isso seria errado dizer que Maria é mãe de Deus, ou seja, Maria fora mãe da parte humana de Jesus sendo assim impossível ela ser mãe da parte divina, em que está a divindade de Jesus. Nestório preferia a expressão XRISTOTOKOS. O sínodo de Éfeso realizado no ano 431 apoiou a teologia alexandrina, e Nestório foi declarado herege e ainda foi exilado, mas mesmo assim os nestorianos organizaram uma igreja independente na Pérsia. Apesar de não terem crescidos tanto, há igrejas nestorianas existentes até hoje como, por exemplo, a Igreja de São Tomé na Índia .

Monarquianismo

Essa designação foi dada pela primeira vez por Tertuliano. O que aconteceu foi que, a defesa doutrinária dos apologetas, dos pais anti-gnósticos e dos pais alexandrinos sobre o não satisfaz as dúvidas teológicas de todos na época. A teologia cristológica ainda estava sem consistência e nova, surgindo assim novos pensamentos. O monarquianismo surgiu no século III e a grande dificuldade era combinar a fé no Deus único (monoteísta) com a nova fé cristã, no qual Deus é Pai, Filho e Espírito Santo. Contra a idéia do defendiam a "monarquia" do Pai, do Deus uno e eterno. Essa dificuldade era complicada de resolver, pois de um lado tinha aqueles que criam que o era

uma pessoa divina, parecendo ferir a idéia monoteísta, de outro lado havia os que defendiam a idéia de que era subordinado ao Pai, o que parecia ferir a deidade de Cristo. Nesse conflito teológico originou dois tipos de pensamentos que são: o monarquianismo dinâmico, conhecido também como adopcionismo e o segundo monarquianismo modalista.

a) Monarquianismo dinâmico: Foi uma tentativa de resguardar a unicidade de Deus. Essa idéia tinha traços do ebionismo que, pregava ser Jesus apenas homem. Teodoto de Bizâncio foi o primeiro a sugerir a idéia. Ele era contra a cristologia do, negava a afirmação de que Jesus Cristo é Deus. Achava mais seguro afirmar que Jesus era um mero homem. Não negava o nascimento virginal, mas esse nascimento não divinizava Jesus, ele continuava sendo um simples homem, apesar de ser justo. Teodoto sistematizou a vida de Jesus em tempos, ou seja, Jesus no início viveu como todo homem vive seu cotidiano, normalmente. Posteriormente, na ocasião de seu batismo Jesus recebeu poder do alto que o ativou para o seu ministério. Essa idéia recebeu o nome de: dinamismo; Jesus então era um profeta e não Deus, e um profeta com unção divina (assim como Elias, Eliseu...). Somente após a ressurreição, Jesus Cristo uniu-se a Deus. Teodoto para fazer apologia à unicidade do Pai teve que ter um bom argumento, e para isso teve que pelo menos negar a deidade de Jesus, se igualando aos ebionitas. O bispo Vítor de Roma excomungou Teodoto, mas a idéia deixada por ele não teve como ser banida, tanto que Paulo de Samósata que foi bispo de Antioquia por volta de 260, defendeu essa forma dinâmica do monarquianismo. Paulo de Samósata foi mais longe um pouco que Teodoto e afirmou que, é identificado com razão ou sabedoria e que essas igualdades não são peculiares ao Cristo encarnado, mas sim um adjetivo que qualquer homem pode ter, ou seja, diminuiu mais ainda a deidade de Jesus Cristo. O que aconteceu então foi que a sabedoria divina habitou no homem Jesus, e isso não significa que ele seja uma pessoa divina. As doutrinas de Tertuliano sobre o como sendo uma pessoa e a de Orígenes sobre como hipóstase independente foram rejeitadas por Paulo de Samósata. Paulo em 268 foi declarado herege, mas suas idéias apareceram mais tarde de alguma forma no socinianismo, na neologia e em alguns ramos da teologia liberal.

b) Monarquianismo Modalista: Essa é a outra forma de monarquianismo, ou seja, é o outro modo de apologizar o unitarismo divino. O modalismo (como também era conhecido) diferente do adopcionismo que, dizia que Jesus era adotado por Deus, pregava que Jesus era Deus, mas que se manifestara como criador do mundo (Pai), depois essa mesma pessoa viera na Terra se encarnando em Jesus para salvar o homem

(Filho) e hoje ele se manifesta como Espírito Santo. Para o modalismo há uma só pessoa, que se manifestou de formas e nomes diferentes. A idéia do monoteísmo judaico não fora ferida. No ocidente era chamado de patripassianismo, por ensinar que a pessoa do Pai foi a que se encarnou em Jesus, sendo a mesma pessoa que criou o mundo e depois foi crucificada. Já no oriente, essa doutrina era conhecida como sabelianismo, palavra derivada do nome de Sabélio, o grande defensor da idéia, e que esteve ensinando em Roma por volta de 215. Sabélio negou a trindade, pois não há três pessoas e sim uma pessoa que se manifesta na história. Outra pessoa a defender o modalismo foi Noeto. Esse dizia que, o Pai e o Filho além de serem da mesma essência e substância, eram a mesma pessoa, só mudando o nome e a forma de atuação. Todos esses na realidade disseram a mesma coisa, e para entendermos melhor a idéia modalista vejamos essa frase que é atribuída a Sabélio: "Deus, com respeito à hipóstase é um, mas foi personificado na Escritura de várias maneiras segundo a necessidade do momento". (Basílio, Epístola 214). Em 261 as doutrinas de Sabélio foram rejeitadas e condenadas heréticas pela Igreja por negar a distinção das pessoas divinas na tentativa de resgatar uma teologia unicista para o cristianismo.

Eutiquianismo

Essa expressão é derivada do nome Eutiques, que era um abade ou arquiandrita de um mosteiro fora de Constantinopla, no quinto século. Eutiques era discípulo de Cirilo de Alexandria, o opositor a Nestório. Essa teoria ensinava que devido à encarnação natureza humana de Jesus fora absorvida pela divina, tornando Jesus Cristo um homem especial, ou seja, a humanidade de Cristo era diferente de um homem comum, isso em nível de essência. Por ensinar essa teoria, Eutiques fora excomungado de Constantinopla. O Papa Leão I convocou então um sínodo em Éfeso no ano 449, mas o partido alexandrino defendeu Eutiques (eram amigos) e esse voltou ao seu ministério. Aliás, esse sínodo foi uma bagunça; para começar o Papa Leão I expôs sua idéia numa carta ao bispo Flaviano de Constantinopla, mas a idéia não foi discutida. O tumulto desse sínodo lhe deu o nome de "Sínodo dos ladrões" e não é reconhecido como concílio ecumênico. Leão I não ficou satisfeito com tais resultados, e em 451 houve outro concílio, agora em Calcedônia. Nesse último, com mais organização a idéia de Eutiques que, era alexandrina foi rejeitada e a posição do Papa Leão I foi aceita. Podemos dizer que o principal opositor foi o Papa Leão I, mas outros como Flaviano de Constantinopla, Teodoreto e Eusébio de Doriléia tiveram sua importância.

Monofisismo – Essa palavra é derivada de outras duas palavras gregas que são: $\mu\eta\iota\varsigma$ = único e $\phi\upsilon\sigma\iota\varsigma$ = natureza. A morfologia da palavra já explica o que essa teoria ensina, ou seja, Cristo tem uma só natureza, que é composta. Uma das formulações dessa idéia diz que, uma energia única uniu as duas naturezas, tão perfeitamente que não restou distinção entre as duas naturezas. Outra formulação explica que, a humanidade de Cristo foi transformada pela divina, havendo uma espécie de simbiose, fazendo de Jesus um homem impecável e divino, ou seja, a parte físico-humana de Jesus foi transformada numa natureza divina. Parece-"me" que essa teoria tem uma pitada de outras "heresias" passadas (Apolinarianismo, Eutiquianismo). Na realidade, o que houve foi que, grupos não aceitaram a posição calcedoniana, alegando que tal concílio negou a unidade de Cristo. Severo de Antioquia, que era defensor da teoria, dizia que, o $\mu\eta\iota\varsigma$ só tem uma natureza, a saber, a que se fez carne. Ele defendia que "uma natureza" é equivalente a "hipóstase ou uma pessoa". Os monofisistas achavam impossível dizer que Cristo têm duas naturezas e ao mesmo tempo têm um corpo ou é uma pessoa apenas. "Talvez tentaram fazer teologia usando regras matemáticas e logicamente a resposta sempre dava errada". Além de Severo, Julião de Halicarnasso defendeu essa idéia que frequentemente era conhecida como "docetismo incorruptível". Outros também compraram a briga como, Estífano Niobes. Em 451 o monofisismo foi condenado, e o concílio de Constantinopla, de 680 também rejeitou o monofisismo, mas os Jacobitas Sírios, as igrejas cópticas, abissínia e armênia adotaram a idéia monofisista.

Monotelismo

Tal palavra também vem do grego, $\mu\eta\iota\varsigma$ = único e $\theta\epsilon\lambda\eta\varsigma$ = vontade. Assim sendo, essa idéia que surgiu dentro dos monofisistas perguntavam o seguinte: a vontade pertence à pessoa ou à natureza? Isso em Cristo é claro! A resposta dada por eles (os monotelitas) era que, Cristo tinha apenas uma vontade, negando que tinha vontades humanas. Paradoxalmente aos monotelitas, os duotelitas pregavam ter Cristo duas vontades como também duas naturezas. O sexto Concílio ecumênico, de Constantinopla, realizado no ano 680 adotou a doutrina das duas vontades como doutrina ortodoxa, porém a vontade humana é subordinada à divina, não havendo diminuição da humana nem absorção de uma natureza na outra, e ainda as duas se unem e agem em perfeita harmonia.

6. Principais heresias modernas sobre a natureza de Cristo

Grupos religiosos modernos	Resumo	Cristologia Antiga
1 – Branhamismo	Teologia unicista – Deus é uma pessoa e uma essência manifestada de modos diferentes.	Monarquianismo Modalista Sabelianismo
2 – Meninos de Deus	Confunde as duas naturezas: Jesus teve um início!	Nestorianismo Arianismo
3 – Cristadelfianismo	Jesus fez expiação pelos seus próprios pecados e era perfeito somente com relação à sua natureza divina. Negam qualquer divindade única em Cristo	Nestorianismo Arianismo
4 – Ciência Cristã	Jesus possui apenas uma natureza – a humana! O Cristo é uma idéia divina.	Ebionismo Nestorianismo
5 – Igreja do Entendimento Bíblico	Jesus é Salvador, mas não o Deus Salvador.	Arianismo
6 – Igreja Universal e Triunfante	“Jesus” e “Cristo” são dois conceitos separados. O primeiro foi um homem que viveu há cerca de 2.000 anos.	Ebionismo Nestorianismo
7 – Ciência Divina	Cristo é um princípio interior.	Gnosticismo
8 – Igreja Internacional da Sabedoria Eterna	Deus não pode ser antropomórfico; portanto, Jesus não pode ser Deus.	Ebionismo Arianismo Nestorianismo
9 – Testemunhas de Jeová	Jesus teve um início, como o Filho de Deus criado.	Arianismo
10 - Mormonismo	A divindade de Jesus não é mais única do que a de toda a humanidade.	Nenhum paralelo real – traços de Ebionismo, Arianismo, Antropomorfismo e Monarquianismo Dinâmico.
11 – Pentecostalismo Unicista	Deus não é Trindade de três pessoas e uma essência, mas uma essência e uma pessoa que se manifesta de três modos diferentes e em diversas dispensações.	Monarquianismo Modalista Sabelianismo
12 – Ciência Religiosa	“Jesus” deve ser distinto “do Cristo”.	Ebionismo Gnosticismo
13 – Rosacruzianismo	A Cristologia é idêntica à da Ciência Religiosa e das ciências da mente	Traços de Ebionismo
14 - Swedenborguianismo	Deve ser feita uma distinção entre “Jesus” e “Cristo”. O primeiro era meramente humano. A Trindade, assim como “amor, sabedoria e atividade”, são aspectos de uma só pessoa e não de três.	Nestorianismo Monarquianismo Modalista Sabelianismo
15 - Teosofia	Jesus é divino no mesmo sentido e que todas as pessoas também são. O Jesus histórico era meramente humano.	Traços de Arianismo e de Gnosticismo
16 – Igreja da Unificação	O corpo de Jesus permaneceu no sepulcro, enquanto seu espírito subiu ao Céu. A morte de Jesus foi um acidente lamentável.	Gnosticismo Dualismo Nestorianismo
17 – Escola da Unidade do Cristianismo	Jesus é o nome de uma pessoa em particular.	Ebionismo Gnosticismo
18 – Sociedade Vedanta	O corpo de Jesus morreu; isso é irrelevante; somente a sua divindade é importante.	Monofisismo
19 – Caminho Internacional	Jesus não é Deus, porque Deus não pode morrer! Jesus era humano.	Nestorianismo Arianismo
20 – Igreja Mundial de Deus (versão de Armstrong)	Corpo que morreu na cruz não era o mesmo que ressuscitou dentre os mortos. Depois da ressurreição de Jesus, ele passou a possuir uma única natureza divina.	Monofisismo Antropomorfismo

Conclusão

A questão da encarnação desenvolveu-se ao longo da História nas mais diversas teorias. Ora enfocando a divindade de Cristo, ora, a sua humanidade.

Como pudemos observar, a questão de como o Eterno Filho se fez carne na pessoa de Jesus Cristo foi amplamente discutida pela Igreja durante os séculos passados.

Como entender o Logos em sua encarnação era um dos problemas encontrados. Uns acreditavam que o Logos uniu-se a uma alma e corpo humanos (duas pessoas e duas naturezas), outros acreditavam que ele não tinha humanidade alguma (era totalmente divino), outros acreditavam que ele não era Deus, mas um ser especial, etc.

Uma nova teoria foi a Kenótica que apresentou Cristo como a manifestação do Logos esvaziada da divindade, isto é, negou-se a divindade de Jesus, ou a tornou totalmente distanciada do Jesus-Homem.

“Estas postulações são contrárias à imutabilidade de Deus e não concordam com passagens das Escrituras que dão atributos divinos ao Jesus histórico.” (Louis Berkhof)

Bibliografia

1. Bíblias de Referencia
2. Bíblia Pentecostal de Estudo
3. Biblia de Estudo das Profecias
4. Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal
5. Bíblia de Estudo Profética
6. Champlin e Bentes; Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, São Paulo.